

Informática popular

Projeto ensina adolescentes de comunidades carentes do Rio de Janeiro a trabalhar com computadores, aumentando suas possibilidades de emprego

Paulo Marinho

Criado pela Secretaria Estadual do Trabalho e Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, o projeto Atelier de Informática ensinou técnicas de edição de texto e planilha eletrônica de dados a 15 adolescentes moradores de favelas e bairros periféricos cariocas. Desenvolvido com o apoio técnico da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), a iniciativa já conta com recursos do governo do estado para ir adiante: até o final do ano, os alunos formados em dezembro de 1993 vão se tornar instrutores das próximas turmas.

Inspirada em experiências que o ex-

secretário do Trabalho, Carlos Alberto de Oliveira, presenciou em bairros pobres de Nova Iorque, o *atelier* é um salto na formação profissional da população menos favorecida — a quem tradicionalmente são oferecidos apenas cursos de mão-de-obra não-especializada.

O ex-secretário Carlos Alberto de Oliveira, o Caó, hoje secretário executivo da Campanha Contra a Miséria e Pelo Emprego, levou para a Secretaria Estadual do Trabalho a segunda fase do processo que o sociólogo Herbert de Souza, Betinho, vem desenvolvendo em favor da cidadania. Em viagem de trabalho aos Estados Unidos, Caó visitou o bairro novaioquino do Brooklin, e conheceu iniciativas nas quais a popula-

ção aproveita computadores doados pelo poder público e empresas privadas para elaborar trabalhos escolares, jogos, projetos comunitários e prestar serviços à comunidade. Após conseguir o apoio da CPRM, a Secretaria criou o Atelier de Informática, usando o cadastro de que já dispunha para formar a primeira turma.

“Já praticávamos a educação pelo trabalho, encaminhando menores a instituições como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, onde eles desempenham as funções de *office-boy*. Com a oficina, no entanto, passamos a pensar grande e rompemos as amarras do preconceito, que associam o pobre com a chamada mão-de-obra barata, e

Fotos: Loricé



limitam o leque de oportunidades desta camada da população”, afirma o atual secretário de Trabalho e Desenvolvimento Social do Rio, Renato Simões.

Metodologia – Assinado em junho de 1993, o convênio inicial previa a formação de técnicos em hidrologia e geoprocessamento, recurso utilizado no mapeamento de jazidas minerais – atividade-fim da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais. Com a utilização das instalações da companhia, três microcomputadores, sete instrutores e dois profissionais da área de recursos humanos, o projeto acabou evoluindo.

Segundo o coordenador do *atelier* e chefe do Departamento de Geoprocessamento da CPRM, Ricardo Vasconcelos, como a intenção do projeto é ampliar o leque de oportunidades dos adolescentes, a prioridade foi dada à área de edição de textos, que abre um campo maior de trabalho para os jovens. Com isso, apenas três dos 13 inscritos se especializaram na digitação de mapas. O curso durou seis meses e os alunos, divididos em dois grupos que se revezavam nos dias da semana, ganharam 1/3 do salário mínimo, vale-transporte e tíquete refeição durante o aprendizado.

Com carga horária de quatro horas, os aprendizes das favelas da Rocinha e Pavão-Pavãozinho, Ilha do Governador,

A meta do projeto é formar, em 1995, 450 jovens moradores em favelas e bairros periféricos do Rio em Informática

Santa Cruz, Vila Isabel, Penha e Morro do Estado, em Niterói, tiveram aulas de Noções de Informática, Frame Work II (editoração), noções de Cartografia, Lotus 123, Sistema Maxi-CAD, D-Base Interativo, Wordstar 5 e Treinamento Prático, além de Introdução à Informática, com a finalidade de contextualizar o assunto.

Ministrado com o mesmo rigor exigido nas escolas que trabalham com esta disciplina, o curso superou as expectativas iniciais dos organizadores. O

analista de sistemas Paulo Roberto Bastos, um dos instrutores, lembra que os alunos, de 14 a 18 anos, apresentavam um perfil de classe média baixa, mas compunham um grupo heterogêneo, já que alguns tinham apenas o ginasial, outros haviam concluído o científico e havia até uma universitária. “Optamos por não divulgar as notas dos testes e aproveitávamos os resultados para voltar aos assuntos que não tinham sido bem compreendidos. No final das aulas, em dezembro do ano passado, não houve diferença no aproveitamento de cada um deles e hoje dispomos de um projeto-piloto que pode muito bem ser aproveitado no futuro por outras instituições e órgãos públicos”, afirma o analista.

Recursos – Com a meta de formar 450 jovens em informática em 1995, o projeto obteve a primeira liberação de recursos em junho último. Os R\$ 40 mil que o governo do estado do Rio destinou ao *atelier* serão aplicados na aquisição de equipamentos e mobiliário das três primeiras oficinas, que funcionam nas comunidades do Pavão-Pavãozinho (Zona Sul), Morro da Mineira, no bairro do Catumbi (Centro), e Nova Aliança, em Bangu (Zona Oeste). Para superar a escassez de recursos, a coordenadora do projeto na Secretaria do Trabalho, Ruth Pinheiro, busca a colaboração de outros parceiros para instalar os 14 núcleos previstos: “A Companhia Estadual de Água e Esgoto (Cedae) acenou com a possibilidade de cobrir parte das despesas com os instrutores; a Coca-Cola pode doar equipamentos e ainda não desistimos da ajuda da Fundação Friedrich Ebert, instituição alemã de fomento ao Terceiro Mundo.”

Entusiasmada com a possibilidade de transformar as oficinas em microempresas geridas pela própria comunidade, Ruth Pinheiro lembra que os alunos tiveram uma solenidade de formatura na própria CPRM quando encerraram o curso. O formando Irapuan Macedo da Silva, de 16 anos, aluno da 6ª série da Escola Municipal Eurico Gaspar Dutra, na Penha, expressou bem o estado de espírito dos estudantes que vão trabalhar como instrutores na segunda fase do projeto. Ex-jogador da escolinha de futebol do Fluminense, ele disse aos colegas e professores que “a partir de agora vou jogar no campo da informática”.

Computadores nas prisões

Concebido para ampliar as oportunidades de trabalho de jovens entre 14 e 18 anos, o *Atelier de Informática* vem gerando novas iniciativas: inspirado nas oficinas de editoração, o Instituto Palmares de Direitos Humanos procurou a Secretaria do Trabalho e deu início ao projeto Renovação, que utiliza o aprendizado em computadores para ressocializar os egressos do sistema penal.

O projeto prevê a utilização de 16 terminais da IBM existentes no Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro (Proderj). Antigos e desativados, os computadores, sem utilidade para o órgão, passam a receber uma destinação social, já que as máquinas processam lenta-

mente, facilitando o aprendizado de digitação.

Com a liberação de recursos prevista para o final do ano, o projeto Renovação dispõe que os internos com bom comportamento e próximos da soltura recebam treinamento no interior da prisão. O processo de ensino terá seqüência no período de liberdade condicional, usando-se como espaço físico as instalações que o Conselho Nacional de Entorpecentes (Conen) mantém no bairro de São Cristóvão (Zona Norte do Rio).

A princípio, os gastos no interior do sistema penal ficariam a cargo da Secretaria de Justiça e a manutenção do núcleo externo seria assumida pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.